



A IMPORTÂNCIA DO AFETO PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Vitória Luiza da Silva Lucas¹
Antonia Vanêssa Pereira Sousa²
Isaac de Oliveira Barbosa³
Viviane Rodrigues de Sousa⁴
Lucas Melgaço da Silva⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise desenvolvida a partir das vivências dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), atuantes em uma escola pública municipal de ensino básico em Crateús, Ceará, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O estudo discute a relevância do afeto no desenvolvimento e no processo de alfabetização das crianças, especialmente aquelas com déficit de aprendizagem, uma vez que se trata de estudos realizados em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. O objetivo é analisar a importância das relações afetivas como ferramenta fundamental para o desenvolvimento educacional e alfabetização. Logo, serão considerados aspectos sociais, educacionais e, sobretudo, a relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa adota abordagem qualitativa, por meio de análise bibliográfica fundamentada em autores da abordagem humanista, como Abraham Maslow, Carl Rogers e Paulo Freire, da pesquisa-ação, de observações e entrevistas com professores. A justificativa da pesquisa parte da constatação, durante as atividades do PIBID, de que alunos com maior vínculo afetivo com professores demonstram mais interesse, participação e frequência em sala de aula. Observações empíricas realizadas nos primeiros cinco meses do projeto indicam que crianças que recebem atenção e carinho apresentam melhor desempenho na alfabetização.

Palavras-chave: Aspectos sociais, Participação, Observação, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo que vai além do ensino da escrita e leitura, pois envolve dimensões sociais, emocionais e cognitivas. Nesse contexto, o afeto se mostra como elemento chave na construção da aprendizagem, uma vez que ele influencia diretamente a

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UECE, vitoria.lucas@aluno.uece.br;

2 Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UECE, ant.vanessa@aluno.uece.br;

3 Graduando Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEUE, isaac.barbosa@aluno.uece.com;

4Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UECE, vivi.rodrigues@aluno.uece.br;

5 Professor orientador: Doutorado, Universidade Estadual do Ceará – UECE / Centro Universitário Christus (Unichristus), lucas.melgaco@uece.br



autoconfiança, a motivação e o engajamento das crianças. Segundo (Freire, 2000, p.8), “no que tange às emoções, reafirmar a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação.” Ou seja, o companheirismo entre professor e aluno se tornam determinantes para um ambiente escolar saudável, agradável e propício ao desenvolvimento integral dessas crianças.

Este estudo se dá pelas vivências dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), em uma escola pública em bairro periférico da cidade do município de Crateús. A pesquisa buscou compreender como o afeto pode influenciar o desenvolvimento educacional no processo de alfabetização de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com déficit de aprendizagem.

No ambiente escolar, o afeto não se restringe apenas a demonstrações de carinho, mas engloba cuidado, escuta ativa, empatia e atenção individualizada da criança enquanto sujeito. Nessa concepção, o professor se torna o mediador do conhecimento, como figura referência emocional. Certamente essas mediações se tornam metodologias ativas que impactarão positivamente no futuro dessas crianças.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a importância das relações afetivas como ferramenta fundamental para o desenvolvimento educacional e para a alfabetização dos estudantes envolvidos. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa qualitativa baseada em análise bibliográfica (com autores como Maslow, Rogers, Vygotsky e Freire), observação participante durante as práticas pedagógicas e aplicação de questionários a professores que atuam na mesma série escolar.

Os primeiros resultados indicam que o afeto, aliado a práticas pedagógicas sensíveis e humanizadas, favorece o desenvolvimento socioemocional, amplia o interesse dos alunos pelas atividades de leitura e escrita e fortalece sua participação na rotina escolar. Além disso, constata-se que a formação docente e as condições institucionais influenciam a capacidade do professor de promover ambientes afetivos capazes de potencializar a aprendizagem.

Dessa forma, esta introdução apresenta o percurso teórico e metodológico que orienta a pesquisa, ao mesmo tempo em que evidencia que a afetividade não deve ser vista apenas como atitude emocional, mas como prática pedagógica indispensável para o desenvolvimento



integral das crianças. Conclui-se, portanto, que refletir sobre o papel do afeto no processo educativo é essencial para a construção de práticas mais humanizadas, sensíveis e efetivas no contexto da alfabetização.

METODOLOGIA

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da pesquisa-ação, uma vez que os bolsistas atuam de forma ativa no ambiente pesquisado, fundamentada por meio de pesquisas bibliográficas, aliadas às observações participantes realizadas durante as práticas pedagógicas na escola campo pelos bolsistas do PIBID, além disso, contou com a aplicação de questionários *online*, direcionados aos professores (8), incluindo os próprios bolsistas, atuantes na série estudada, ampliando a compreensão acerca da temática.

A observação participante foi realizada em sala de aula a partir de registros em diários de campo, acompanhamento das interações, análise dos comportamentos relacionados à motivação, considerando o dia a dia na instituição.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se analisa o conceito de infância, é notório que ele teve início somente após a Revolução Industrial, em meados de 1760. Anterior a isso, a infância não tinha importância para a sociedade. A criança era vista como um adulto, a qual se diferenciava apenas na estatura física.

Ariès (1981, p.47), destaca que “foi somente a partir dos tempos modernos que a criança começou a ser objeto de atenção especial, cercada de cuidados e de uma nova sensibilidade”. O autor explica que a forma como vemos a infância hoje não existia nas sociedades medievais. A ideia de que a criança precisa ser cuidada e protegida é uma construção histórica que só veio ganhar notoriedade a partir dos séculos XVI e XVII.

Após a Revolução Industrial, muitas mães ingressaram no mercado de trabalho. Com isso, surgiu a figura do pedagogo. Mas, apenas os filhos dos mais influentes tinham acesso à educação na época. Os escravos levavam os filhos dos nobres para a escola, e naquele tempo, os alunos frequentavam a mesma sala de aula, independentemente da idade. Neste período a



criança passa a ter um valor significativo na sociedade, com direitos e necessidades a serem supridas, sendo elas físicas, cognitivas, psicológicas e emocionais.

Para o psicólogo Rogers (1986), é através do contato que se educa, e o professor deve atuar de forma que facilite o processo educacional do aluno, sendo, portanto, o educador-facilitador, uma pessoa ativa e presente na vida dos seus alunos. Como também é afirmado por Vygotsky (1991), as interações afetivas ajudam as crianças a avançarem em seu desenvolvimento.

Sendo assim, o método de ensino defendido por ele é de que o professor deve agir como um facilitador da aprendizagem, de forma singular, e empática. Nesse contexto, o autor revela uma proposta denominada “centrada no cliente” ou “não-diretiva”, que significa que o próprio indivíduo tem a motivação e a capacidade para mudar, sendo assim, ele mesmo se torna a pessoa mais qualificada para escolher quais decisões tomar. Ou seja, indica que o indivíduo tem dentro de si controle para alterar seu autoconceito e sua autocompreensão sobre suas atitudes. Contudo, o aluno mesmo assim tem o professor como mediador/facilitador do acesso à informação. Alinhado às ideias de Carl Rogers, Moreira (2010, p.4) considera que

O aluno deve ser ativo, não passivo. Ela ou ele tem que aprender a interpretar, a negociar significados; tem que aprender a ser crítica (o) e aceitar a crítica. Receber acriticamente a narrativa do “bom professor” não leva a uma aprendizagem significativa crítica, a uma aprendizagem relevante, de longa duração; não leva ao aprender a aprender.

Diante da citação acima, o aluno é um ser ativo, participativo e dedicado a aprender. Os saberes são vistos como algo que cada sujeito tem em suas percepções e isso parte da convivência humana, das experiências vividas em coletivo.

Maslow (1987), destaca a ideia de afeto afirmando que as necessidades humanas acompanham uma hierarquia, onde a necessidade de carinho e cuidado é fundamental para que a aprendizagem da criança aconteça de forma plena. Quando uma criança está ansiosa, com medo, ela não consegue prestar atenção. Para Maslow, que relaciona as necessidades à motivação, o comportamento humano pode ser entendido pela perspectiva de Chiavenato (2004, p.329), quando menciona, em um aspecto mais global, que o

Comportamento é a maneira pela qual um indivíduo ou uma organização age ou reage em suas interações com o seu meio ambiente e em resposta aos estímulos que dele recebe. As ciências comportamentais trouxeram à teoria administrativa uma variedade de conclusões a respeito da natureza e características do ser humano.



Esse contexto, em educação, precisa acontecer a mediação, onde o professor tem um papel importante fazendo com que essa criança se sinta acolhida. Realizando tais ações, o cérebro dessa criança aprende a desenvolver as funções cognitivas, se sentindo respeitada e bem tratada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

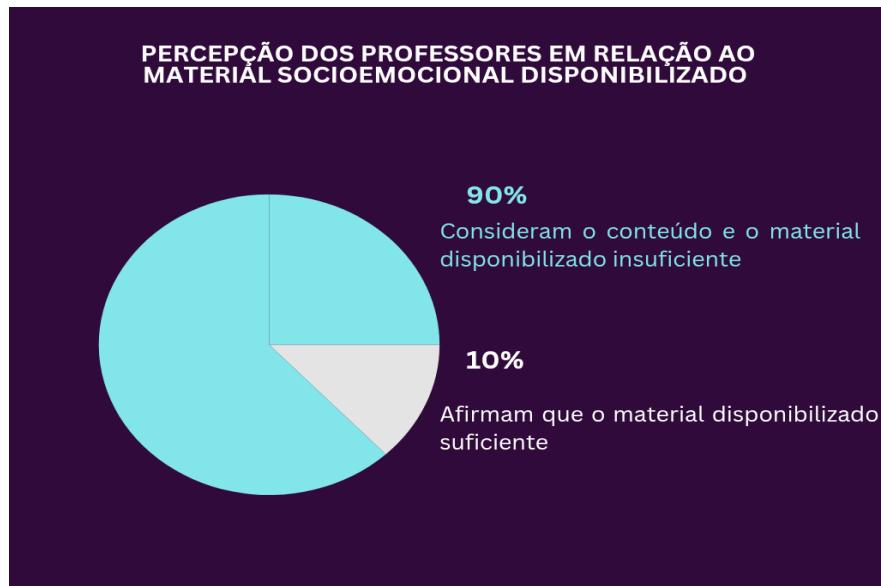
Por meio das análises bibliográficas, foi possível perceber que o afeto é essencial para o desenvolvimento das crianças, além de incentivar no processo de alfabetização.

Segundo Freire (2000, p.19), “A demonstração permanente de afeto é necessária, fundamental”. É importante reforçar a valorização dos sentimentos, aliado a palavras de incentivo e conhecer a realidade das crianças. Pois quando se fala em afeto na educação infantil, também falamos da importância de conhecer a realidade do aluno, compreender suas vivências e identificar aquilo que desperta seu interesse.

Desse modo, o professor pode desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas, capazes de promover uma aprendizagem mais significativa e de estimular a criança a desejar estar no ambiente escolar, uma vez que tais práticas dialogam com sua realidade, valorizam suas experiências e fortalecem o vínculo afetivo necessário, para que ela se sinta acolhida e motivada. Além disso, metodologias desse tipo favorecem o desenvolvimento socioemocional e ampliam a participação ativa, contribuindo diretamente para um processo de alfabetização mais autônomo, sensível e efetivo.

Somado a essas análises, também foi observado dados obtidos por meio do questionário aplicado com os professores, onde revelam aspectos importantes sobre os desafios enfrentados nas instituições de ensino. Ao serem questionados sobre o nível de satisfação com os recursos disponibilizados para trabalhar o contexto socioemocional das crianças, 90% dos participantes informaram ser insuficiente, esse resultado demonstra que existem limitações que dificultam um trabalho mais efetivo no desenvolvimento emocional dos alunos. Vejamos o gráfico.

Gráfico 1 - Percepção dos professores a respeito do material disponibilizado pelas instituições.

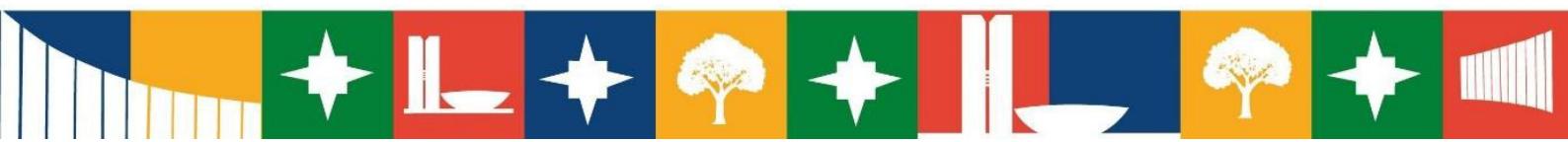


Fonte: da pesquisa (2025).

Os comentários complementares dos docentes reforçam as limitações para uma melhor abordagem da temática, uma das professoras entrevistadas destacou que muitos profissionais não se sentem preparados para lidar com questões socioemocionais, devido ao fato de que o curso de Pedagogia não aborda de maneira aprofundada estratégias e conhecimentos específicos para reconhecer e intervir em situações em que crianças apresentam sinais de sofrimento emocional. Essa percepção revela uma lacuna importante na formação inicial dos educadores, indicando a necessidade de revisões curriculares e de investimentos em formação continuada voltada ao desenvolvimento socioemocional.

Ao relacionar os resultados do questionário com o pensamento de Freire (1996, p. 25) ele cita, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Torna-se evidente que o afeto no processo educativo vai além da ação individual do professor. Ele depende também das condições institucionais, da formação oferecida e do suporte estrutural que possibilitam práticas pedagógicas realmente humanizadas.

Nesse sentido, é importante ressaltar a relevância de políticas educacionais que promovam espaços afetivos, ambientes acolhedores e um maior investimento quando se trata de saúde emocional da criança, visto que são fundamentais para que as crianças desenvolvam suas capacidades cognitivas e emocionais de maneira equilibrada, refletindo diretamente no





processo de alfabetização, que se torna mais efetivo quando mediado por relações afetivas positivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo permitiu compreender a importância e a complexidade do papel do professor como figura de mediador da educação e muitas vezes, a figura de afeto que a criança tem durante seu processo de alfabetização, mesmo em contextos adversos de aprendizagem. Diante das análises feitas, ficou evidenciado que as relações afetivas entre professor e aluno, além de estabelecer um ambiente acolhedor e seguro influenciam em toda a estrutura no processo de aprendizagem da criança, contribuindo também para que o discente desenvolva competências cognitivas de grande importância para a fase inicial da vida escolar.

Diante do exposto, é importante ressaltar a relevância que as entrevistas tiveram no desenvolvimento do presente artigo, uma vez que apontam para a necessidade de reconhecer as disciplinas que trabalham o emocional da criança como algo fundamental dentro das escolas, sendo muito importante o investimento em materiais didáticos e formação continuada dos profissionais da educação, uma vez que o afeto traz uma experiência escolar significativa, ajuda a fortalecer relações sociais, reduz a evasão escolar e a resistência à aprendizagem.

Por fim, conclui-se que o afeto se consolida como elemento indissociável do processo educativo, o qual influencia diretamente no desenvolvimento integral na infância, o que reforça que ensinar e aprender são processos profundamente vinculados à relação afetiva entre professor e aluno. Além disso, quando o professor tem esse olhar empático, reconhece que a criança também possui suas limitações, seus problemas emocionais, e valoriza seus sentimentos, influencia diretamente na autoestima da mesma, sendo um dos fatores ligados ao seu desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus pela força e sabedoria concebida ao longo de todo esse processo educacional acadêmico. Em segundo lugar, a nossa família por sempre acreditar no nosso potencial, com palavras amigas, reconfortantes. Agradecemos também ao nosso





orientador que contribuiu positivamente com seus conhecimentos, reflexões e orientações fundamentais para a construção deste artigo. Cada diálogo, sugestão e incentivo foram essenciais para o aprofundamento deste tema tão significativo.

Concluímos enfatizando o nosso muito obrigado aos educadores que inspiraram este estudo. As experiências observadas no ambiente escolar reforçam diariamente que o afeto é a ferramenta ideal para o desenvolvimento, a alfabetização e a formação integral da criança. Gratidão é a palavra que define.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 634 p. Disponível em: <http://www.cotemar.com.br/biblioteca/administracao/theoria-geral-da-administracao.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.
- FERNANDES, Jair José Moreira. **A pirâmide de Maslow em pleno século XXI.** 2021. Disponível em: <https://share.google/fZpRwXKSQarcWE4ld>. Acesso em: 12 out. 2025.
- MOREIRA, M. A. Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente. Porto Alegre: **Instituto de Física, UFRGS**, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. São Paulo: **Editora UNESP**, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.
- PEREIRA, Angelita Carmo; ALMEIDA, Claudiane Aparecida de Assunção; CRUZ, Dailze Luzia da; GALDINO JUNIOR, Leocy; GOMES, Mayara Almeida; SOARES, Rosimeire Aniceta de Carvalho. Breve histórico da educação infantil no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo**, v. 8, n. 8, p. 1368-1374, ago. 2022.
- SOUZA, Isete da Silva. Estreitando caminhos para a aprendizagem: Carl Rogers e a teoria da aprendizagem centrada no aluno. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo**, v. 7, n. 11, nov. 2021.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: **Martins Fontes**, 1991.

